

Países ricos rejeitam as propostas dos devedores

ANY BOURRIER

Enviada Especial

LONDRES — Os sete países mais ricos do mundo que se reuniram durante três dias em Londres não quiseram modificar substancialmente a estratégia comum em relação ao problema do endividamento latino-americano. Apesar da Carta enviada por estas nações aos participantes da Décima Conferência de Cúpula Econômica, apesar da atual crise na Argentina devida às próximas negociações com o FMI, apesar da ameaça à estabilidade social decorrente do endividamento, a resposta dos sete grandes foi arrogante: vamos continuar mantendo o mesmo enfoque do problema isto é, negociações entre devedores, bancos privados e o Fundo Monetário Internacional cada vez que os compromissos financeiros não puderem ser cumpridos.

Havia grande expectativa de que Estados Unidos, França, Grã-bretanha, Alemanha, Canadá, Itália e Japão fizessem concessões, concordassem com uma reunião global

para tratar do problema do endividamento, levando em conta não apenas os aspectos técnicos da questão mas também seu conteúdo político e social. No entanto, a resposta à expectativa foi seca: os que se comportarem bem, aplicarem conscienciosamente os ditames do FMI, sanearem suas economias, vão ser recompensados com ofertas de reescalonamento com prazos longos (multi-year reschedule), não só dos bancos privados como também dos bancos centrais, no que se refere à dívida pública. O caso frequentemente citado durante três dias aqui em Londres foi do México, o aluno exemplar do time dos devedores. Não é, porém, o da Argentina, que “atualmente nos causa profunda preocupação”, conforme disse o Ministro Jacques Delors, da França, referindo-se à oposição geral de partidos e sindicatos argentinos às próximas negociações com o FMI.

O oitavo parágrafo do comunicado final da Reunião, lido enfaticamente por Margaret Thatcher na sessão final realizada em Guild Hall, a pre-

feitura de Londres deixou bem claro qual será a linha que os industrializados vão seguir em suas negociações com os países endividados. Diz o texto: “O papel-chave deve ser representado pelo Fundo Monetário Internacional, cujos recursos foram reforçados com este objetivo no contexto da retomada do desenvolvimento e do ativamento do comércio internacional, esta estratégia deve continuar a permitir que o sistema financeiro internacional administre corretamente os problemas que ainda surgirem.” A única concessão do comunicado final diz respeito ao aumento das taxas de juros: “As freqüentes e crescentes altas das taxas de juros internacionais podem ao mesmo tempo exacerbar os problemas dos devedores e tornar mais difícil o sustento desta estratégia.”

Os sete grandes decidiram também dar ao FMI o papel central neste processo, afirmando além disto que vão apoiar a cooperação mais estreita entre o Fundo Monetário e a Agência Internacional de Desenvolvimento do Banco Mundial.

Mas não só os países latino-

americanos foram frustrados com os resultados da décima cúpula econômica. O Governo francês — embora, tenha assinado o comufinal — considera que “este texto é uma resposta incompleta à ansiedade dos devedores. Porém vai ser suficiente para acalmar os ânimos e para limitar a impaciência”. As palavras são do Presidente François Mitterrand. Para ele, as negociações da cúpula “não foram suficientemente longe no tocante aos problemas do endividamento, mas, mesmo assim, houve progressos pois as novas facilidades de reescalonamento da dívida privada serão estendidas à dívida pública”. Além disto, argumentou o Presidente francês, os direitos especiais de saque vão ser aumentados e os organismos internacionais terão mais poder e mais recursos para atuar neste caso.

Na verdade, a França perdeu a luta que manteve até ontem, com o objetivo de obrigar os demais participantes da cúpula a enfocarem a questão da dívida externa latino-americana de maneira mais global, num contexto mais amplo.